

A INVENÇÃO DO FUTURO

Antonio Montenegro*

Labirintos da memória popular

Escolhemos iniciar este texto lembrando uma história contada por uma mulher, moradora do bairro do Recife. Quando, em 1987, teve início o plano de reabilitação do referido bairro, sob a coordenação da arquiteta Amélia Reinaldo, a recuperação da memória de moradoras/moradores/trabalhadores/trabalhadoras foi considerada como parte constitutiva e indissociável do caminhar que então se iniciava. Foram realizadas diversas entrevistas, publicadas em livro (hoje esgotado) que recebeu o título: *Bairro do Recife — porto de muitas histórias*.¹

Destacam-se, para os primeiros passos da reflexão que desenvolveremos, alguns trechos da entrevista de Maria Gilda, que nasceu numa família de trabalhadores rurais. Esta, ao visitar suas memórias, funda trilhas de onde emergem à consciência lembranças do trabalho enquanto criança. O tempo da infância inexistente. É apenas uma palavra que outras crianças viveram/vivem. Ela não.

Narra Gilda:

(...) Quando eu era criança, trabalhava nas usinas, eu e minha mãe... isso eu com seis anos, já trabalhava na usina. (...) Eu nunca tive infância, eu nunca soube assim o que foi esse negócio de criança, esse negócio, nunca.²

* Professor do Departamento de História da UFPE.

1 *Bairro do Recife: porto de muitas histórias*. Por Antonio Torres Montenegro, Ivandro da C. Sales e Sílvia R. Coimbra. Recife, Gráfica Recife, 1989.

2 Op. cit., p. 73.

Infância é um negócio, reinventa Gilda. Negar o ócio, que seria o próprio avesso da infância, é ressignificado como sinônimo. Nesse cenário é que Gilda se descobre aos doze anos tendo sua primeira relação sexual, é imediatamente reconhecida e nomeada como mulher, “não era mais virgem”. O passo seguinte é a expulsão de casa e a vida no mundo da prostituição. Essa história de Gilda, tão comum a milhares de outras mulheres, é emblemática de um passado que resiste à mudança, de uma estrutura fundiária e de relações sociais incapazes de transformar seus trabalhadores em cidadãos.

Em um outro plano, descortina-se, por parte do Estado, um insuficiente investimento em educação fundamental. Este é um outro elemento que reduz, de forma incomensurável, as possibilidades de trabalhadores/trabalhadoras construírem novos projetos de vida que transcendam o limitado universo dos destinos preestabelecidos.

O quadro social de infâncias despedaçadas, associado a alternativa de trabalho que não integram essa parcela da população ao ativo e atraente mercado de consumo, criará um exército de excluídos que interagem, informando e modelando as práticas de toda a sociedade.

Nesse sentido, com reduzidas possibilidades de imaginar, construir outros planos de vida que recriem o estabelecido, uma parcela significativa recorrerá à violência como forma de expressão de desejos não realizados.

Para muitos, o sonho, a fantasia, o mundo como magia serão também um caminho recorrente na expectativa de uma força protetora, que virá lhe redifinir a vida. Gilda, ao lembrar a passagem da rainha Elisabeth pelo Recife, em 1969, revela a força sempre presente do inconsciente mundo mágico infantil, que apenas aguarda uma oportunidade para vir à tona e fazê-la sonhar dias seguidos com uma outra vida. Conquistar um soldado da comitiva oficial é a possibilidade de tudo resolver. Um soldado da rainha, em seu imaginário, seria o príncipe encantado que iria levá-la para longe de todos os sofrimentos. “Eu vou ver a Rainha Elisabeth e vou conquistar logo um homem bonito daquele, um soldado daquele. Eu vou conquistar um soldado daquele, eu só pensava isso”.³

Perceber algo é sempre um ato de apreensão do mundo ao redor, onde as marcas, as lembranças da memória consciente e inconsciente estão sempre presentes, condicionando, interagindo, modelando o que e como captamos e reconstruímos sobre o universo das práticas sociais.⁴

3^o Op. cit., pp. 85-6.

4^o Garcia-Roza, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana II*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.

Para Gilda, só o encontro com um outro destino poderia mudar o curso da sua história. Em seu passado distante ou mesmo mais próximo, nunca lhe foram oferecidos os elementos para pensar e projetar um agir que possibilitasse construir uma outra realidade à sua volta que rompesse com as cadeias que a subjugavam.

A relação que se estabelece entre a memória e a percepção e, por extensão, as formas de compreensão e ação no “mundo ao redor” têm sido alvo da reflexão de muitos estudiosos.

Henri Bergson, filósofo francês, escrevia em seu livro *Matéria e memória*, no início deste século, não termos propriamente presente, pois, ao vivenciá-lo, este já seria passado. Por outro lado, o presente, ao projetar-se como movimento permanente, seria incapturável. Nessa perspectiva, o ato de perceber o mundo operava-se indissociável das marcas do passado guardadas na memória. Por extensão, as formas de apreensão do mundo ao redor, como também de imaginá-lo, estariam sempre condicionadas pelo passado. Estabelecer-se-ia, dessa maneira, um processo contínuo e de múltiplas influências entre as marcas que nos vêm da memória e a percepção.⁵

Terra, educação e poder

Repensar o futuro remete-nos necessariamente ao passado e à forma como este institui, funda nossa percepção, compreensão e ação no presente. É possível recuperar inúmeros passados; no entanto, optamos pela abordagem de dois, terra e educação, que também poderiam ser renomeados como trabalho e educação, constitutivos e basilares do universo das práticas sociais.

A forma como a terra está e esteve predominantemente organizada ao longo deste século no Brasil pode se constituir em uma das referências para entender as cadeias que aprisionam as possibilidades de mudança. No entanto, indissociável da rede material, está a cultura, a visão de mundo e sociedade daqueles que tinham e têm de forma preponderante as condições de dirigir e mudar.

Surpreende descobrir, em uma publicação de 1942 de um líder político, ministro de Getúlio Vargas, a preocupação com o tema acima citado, antecipando a gravidade do quadro social que, paradoxalmente, alcança na década de 1990 seu paradoxismo.

5 Bergson, H. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1990.

Escrevia então esse político:

(...) A recuperação da terra e do homem são os dois problemas mais urgentes do Nordeste. Um depende do outro. Não se pode considerar a terra sem o homem, nem o homem sem a terra. A terra que não é distribuída, tratada e cultivada expulsa o homem. O deserto não é forma de vida. O homem aspira um mínimo de prosperidade. Ninguém se iluda sobre isso. O interesse, a ambição, o desejo de condições de vida sempre melhores são os grandes motivos das transformações sociais. A vocação do homem não é para a escravidão, nem para a miséria. (...) Uma propriedade que não produz ou que não é valorizada pelo trabalho, é uma injustiça, é um fator permanente de inquietação, não é um direito, é um abuso do direito. Quando se diz que uma propriedade deve ser distribuída, não se está impondo a sua divisão, nem usurpando um direito. O que se aconselha, e é urgente a solução, é que essa propriedade produza e que todos possam participar, pelo trabalho, dos seus frutos (...)⁶

Agamenon Magalhães foi o autor dos fragmentos dos artigos acima reproduzidos, entre outubro e dezembro de 1942. Acreditava na possibilidade de, através da doutrinação dos editoriais do seu jornal *A Folha da Manhã*, modificar a mentalidade dos latifundiários.

Surpreende a visão que tinha da sociedade e, principalmente, de um dos seus problemas fundamentais — a terra e o homem —, sobretudo ao tomá-lo em uma perspectiva social, embora não fosse um socialista, antes assumiu uma atitude de repressão aos movimentos de esquerda, no período de 1937 a 1945. Entretanto, da perspectiva das elites políticas dominantes e legais, representa uma ruptura com as forças que sempre estiveram presas a uma visão de mundo, de sociedade e de trabalho que pouco se distancia da “casa grande e senzala”. Retomando Bergson, poderíamos pensar que Agamenon percebe o mundo ao seu redor, não com as marcas de uma memória herdada, mas ressignifica o passado herdado, e partir do estudo e do contato com outras teorias explicativas e instituintes do social. Dessa maneira, é capaz de pensar diferente, estabelecer uma outra compreensão para o presente e um outro projeto para o futuro, que rompe com uma determinada memória que apenas fortalece uma percepção e, por extensão, uma ação no presente mantenedora do *status quo*.

A tensão de arriscar, criar face às novas situações ameaçadoras de risco ou tentar repetir antigas práticas, fórmulas incapazes de superar os desafios e impasses, projeta

6 Pereira, N. (org.). *Agamenon Magalhães, idéias e lutas*. Recife, Editora Raiz, 1985, pp. 188-9.

o dilema político maior entre inventar e repetir. No entanto, aqueles que propõem a mudança necessitam o suporte da sociedade ou, mais propriamente, de suportes representativos.

O projeto defendido por Agamenon não se realizou. Possivelmente, porque, para transformar uma realidade tão adversa, era imprescindível, mais que a vontade política, um interventor no governo do estado.

A indústria como futuro

Uma outra expectativa histórica que pode auxiliar esta reflexão vem da indústria. Ao revisitarmos o caminhar desta no início do século e as dificuldades de adaptar o operário ao ritmo e aos níveis de produtividade, percebemos que o exemplo de Henry Ford projeta-se como emblemático.⁷

Em face das lutas operárias, da resistência ao sistema fabril, e do absenteísmo, Ford enfrenta a tensão social que se intensifica, não com mais repressão, não com fórmulas de controle mais sofisticadas apenas, mas antes institui o *five dollars day* (quando nas demais indústrias automobilísticas o salário era de 2 a 3 dólares), e encurta a jornada de 9 para 8 horas de trabalho.

Essa postura *audaciosa* de Ford, se por um lado tem como objetivo tornar a classe operária fiel e disciplinada, por outro causa um enorme incômodo para os demais industriais. A mudança que institui é indissociável da compreensão que constrói da sociedade e sobretudo da relação homem/trabalho. Escrevia Ford em 1913:

Ao dar subpagamento aos homens, nós preparamos uma geração de crianças subalimentadas e subdesenvolvidas, tanto física quanto moralmente; nós teremos uma geração de operários fracos de corpo e de espírito, e que, por esta razão, mostrar-se-ão ineficazes quando entrarem na indústria. Denfinitivamente, é a indústria que pagará a conta. Nosso próprio sucesso depende em parte daquilo que pagamos.⁸

Essa visão e, por extensão, essa prática de Ford têm múltiplos significados. Por um lado, como ele próprio afirma, maior salário é sinônimo de melhores homens, melhores trabalhadores e, por extensão, mais riqueza para todos e para sua indústria. O

7 Hobsbawm, E. J. *A era dos Impérios — 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, pp. 79-85.

8 Beaud, M. *História do capitalismo — de 1500 aos nossos dias*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

trabalhador menos oprimido pelo peso dos baixos salários e com maior possibilidade de acesso aos bens culturais poderia sempre exigir outras condições de vida e trabalho, como também se preparar melhor para pensar e projetar a sociedade que tem e a que deseja.

Nesse sentido, deve-se destacar como a educação se coloca como uma das condições necessárias para reelaboração de marcas, de memórias que condicionam e informam a percepção do presente e as possibilidades de construção de um outro futuro.

Revisitar a educação é pensar em um dos grandes impasses que hoje estão colocados para a sociedade brasileira. A problemática do analfabetismo modela e informa de maneira incomensurável toda a realidade. A maneira como as pessoas analfabetas compreendem, percebem e agem na relação com o mundo ao seu redor tem uma influência determinante no universo das práticas sociais de todos os segmentos. Ao viverem fora do mundo da palavra escrita e, por extensão, impedidas de ler e compreender uma parcela do universo ao seu redor, essas pessoas enfrentam uma barreira proibitiva ao exercício do ser cidadão. A desconfiança, o medo e, sobretudo, a sensação de não-pertencimento ao contexto social instituem um processo “perverso de exclusão social”. Entretanto, o fenômeno da exclusão projeta-se no interior das relações intersubjetivas e sociais, influenciando e modelando contraditoriamente o ser dos “incluídos”.⁹

A fala como prisão

Para ilustrar essas reflexões acerca do analfabetismo, voltemos a Gilda. Narra em suas memórias:

Eu já fui burra, eu já fui burra que ninguém botava nada na minha cabeça, mas agora, meu filho, continuação do tempo, eu acho bonito, eu aprendi a falar, aprendi me expressar nos cantos, convivendo com pessoas assim, sabe como é ?... As pessoas mais... Quando as pessoas tá conversando assim, quando eu vou pagar a casa, que eu chego assim, quando eu vou pagar a casa, que eu chego assim, lá no escritório do Doutor Romero, tem aquelas moças, aquelas pessoas conversando, aí eu fico assim prestando atenção aos modos, né? Delas conversarem, o jeito delas conversarem porque... aí eu boto na cabeça o jeito de se sentar, sabe ? Delas se sentarem e tal, aí eu fico olhando. Elas sabem se expressar muito bem, aí eu fico assim, né ? Olhando. Aí quando eu chego no canto assim, aí eu... eu tenho que ser assim, eu tenho que falar do jeito que aquela pessoa tava falando. Tem gente já viu eu conversando, disse assim:

9 Souza, S. Jobim e. *Infância e linguagem — Bakhtin, Vygotsky e Benjamim*. Campinas, Papirus, 1996.

ô Dona Maria Gilda, a senhora sabe... a senhora sabe ler ? Eu digo: não sei não, porque a senhora se expressa melhor do que algumas pessoas que sabem ler: eu digo: não eu não sei ajuntar uma letra eu não sei...¹⁰

Revela Gilda inicialmente a representação que contrói de si própria — ou seja — como aquela que não sabe falar. Mas o não saber falar tem um significado bastante próprio, ou seja, teme expressar-se nos “lugares”, por observar que o universo das palavras usadas pelas demais pessoas era distinto do seu. Para superar esse impasse, esse invisível controle e disciplinamento, Gilda burla, faz de conta que sabe, que é alfabetizada. Memoriza as palavras, as maneiras de as pessoas se comportarem, se sentarem e, nesse movimento de mímese, descobre-se igual ao outro. O exemplo narrado de alguém que lhe pergunta se é ou não alfabetizada, para em seguida sentenciar que sua fala é melhor do que a de muitos alfabetizados, é o reconhecimento do lugar conquistado, embora este seja apenas um simulacro. É a comprovação da competência e, sobretudo, da “nova” representação que constói de si — ser “melhor do que algumas pessoas que sabem ler...”¹¹

Além do conteúdo narrativo, o relato de Gilda aponta o drama social de todos os analfabetos. Falar, expressar-se “nos cantos” está associado a significados negativos. Revela algo que denota vergonha, constrangimento, sentimento de “não-pertencimento” ao universo que a sociedade instituiu como sendo seu único lugar — o do alfabetismo. O lugar da outra fala — do analfabeto — não está autorizado, não é reconhecido, revela algo que se torna carregado de significados negativos para aquele que o manifesta. Embora Gilda descreva, neste fragmento, o caminho encontrado para transcender seu próprio silêncio, sua exclusão, podemos imaginar quantos não são inteiramente subsumidos nesta fronteira visível/invisível de se mostrarem analfabetos. Um paralelo possível poder-se-ia estabelecer entre esses fragmentos de memória e Graciliano Ramos, em *Vidas secas*. Este constrói, através do seu personagem Fabiano, um cenário em que a questão da fala do analfabeto é determinante para a compreensão das relações de poder na sociedade sertaneja.¹²

Em uma passagem de *Vidas secas*, Graciliano estabelece o seguinte quadro:

10 Op. cit., pp. 81-82.

11 Norbert, E. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

12 *Revista Brasileira de História* 23-24. O direito da fala (violência e política em “Vidas Secas”) 91. Antonio Jorge Siqueira. ANPUH em co-edição com a editora Marco Zero. São Paulo, setembro 91, agosto 92.

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava os nomes arrevesados, por embroação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse. Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.

Apesar de publicado em 1938, *Vidas secas* mantém fortes raízes com a contemporaneidade de 1996. Passado e presente, ficção e memória. Limites e desafios do tempo futuro.